

UNIVERSOS PESSOANOS NO IMAGINÁRIO DE JOÃO CÉSAR MONTEIRO

Henrique Muga¹

Resumo: Analisar a presença poética e a temática, o entranhamento pessoano na filmografia monteiriana, é o objetivo deste texto. Tal presença é visível em vários filmes: assim, um dos seus primeiros filmes, *Que farei eu com esta espada?*, é inspirado na Mensagem do poeta; uma das suas obras principais, *As Recordações da Casa Amarela*, é situada pelo próprio como muito próxima de Pessoa; é especificamente centrado no poeta que realiza o *Conserva Acabada*; reminiscências do Marinheiro pessoano são evidentes no *À Flor do Mar* e no *Sophia de Melo Breyner Andresen*. Por outro lado, a multiplicação de Fernando Pessoa em diferentes heterónimos é condensada na “persona” monteiriana: tal como Alberto Caeiro, César Monteiro é um poeta do mundo rural; como Ricardo Reis é um epicurista; à semelhança de Álvaro de Campos, é parmenidiano, decadentista, sensacionista e pessimista.

Palavras-chave: Fernando Pessoa, Imaginário, João César Monteiro, Poesia e cinema.

Contacto: henrique.muga@esap.pt

A obra João César Monteiro (JCM) (1939-2003), um dos principais cineastas do “Cinema Novo” português, mergulha profundamente nos vários universos de Fernando Pessoa (FP) (1888-1935), refletindo e deixando atravessar-se por temas, símbolos e mitos pessoanos.

Foi por encomenda da RTP que realizou uma curta-metragem centrada especificamente em FP — *Conserva Acabada* (1989) — cujo enredo se centra num produtor à procura do elenco ideal para um filme do realizador FP: trata-se de uma curta satírico-paródica, desde logo no trocadilho do título com o *Conversa Acabada* (1980) de João Botelho (baseado na troca de correspondência entre FP e Mário de Sá-Carneiro), e pela ridicularização da

¹ Licenciado e Mestre em Psicologia pela Universidade do Porto. Docente na Escola Superior Artística do Porto. Membro Fundador e Investigador Integrado do CEAA. Doutorando em Ciências Sociais na Universidade Fernando Pessoa.

indústria pessoana (bem evidente nas cenas em torno da estátua de FP no Chiado); para além do mais, constitui uma reflexão sobre o audiovisual, quer ao nível da produção com todas as minudências burocráticas, quer enquanto reflexão sobre o estatuto da imagem cinematográfica: a presença do monitor mostrando as imagens que estão a ser filmadas e a visualização dos repetidos “takes” constituem duros golpes na ideologia da transparência e do cinema da ilusão. Sobre esta curta, afirma JCM em entrevista a Jean Gili (1991): é um “pequeno clip sobre Fernando Pessoa, mas nada de muito sério. Seria quase tautológico fazer um filme só sobre Pessoa”; de resto, depois do seu primeiro filme — *Sophia de Melo Breyner Andresen* (1969) — tinha já concluído que a poesia não se filma.

É inspirado na “Mensagem” (1934) do poeta, considera Paulo Cunha (2010), que JCM realiza um dos seus primeiros filmes, *Que farei eu com esta espada?* (1975), um retrato de Portugal um ano depois da Revolução dos Cravos, onde figuram as manifestações operárias contra a presença dos porta-aviões da NATO no Tejo, com imagens do Nosferatu de Murnau. O eco da Mensagem verifica-se desde logo no título do filme, uma citação do Poema (Castelos) dedicado ao Conde D. Henrique: “À espada em tuas mãos achada / Teu olhar desce. / ‘Que farei eu com esta espada?’ / Ergueste-a, e fez-se”. Para além do carácter documental, trata-se de um filme obscuro e feito de interrogações: “que farei eu com esta espada?”, mas também “que farei eu com esta História”, ou “que farei eu com este país?” É um filme sobre o tema da invasão, para a qual a única resistência reside na cultura, tal como a regeneração proposta na Mensagem pessoana assenta na valorização cultural da nação, na criação do 5.º império, o império espiritual.

Uma das suas obras primas, *As Recordações da Casa Amarela* (1989), é situada pelo próprio JCM (1991) relativamente próxima de Pessoa: juntamente com uma perspetiva angustiante da sociedade portuguesa, é neste filme, o primeiro filme da “trilogia de Deus”, que nasce a personagem alter-ego de JCM, João de Deus, uma espécie de duplo, um espelho capaz de lhe devolver um novo conhecimento de si próprio. Como FP, João de Deus escolheu viver numa grande austeridade, num regime de pobreza, que encontra na arte uma forma de viver melhor; depois de expulso da pensão em que vivia é internado num hospício, onde um velho amigo, igualmente internado, o encarrega de uma

missão que o devolve à cidade, transfigurando-se em criatura das trevas (Nosferatu) no fim do filme. Como escreve Serge Daney (1992) este filme “conta a pré-história humana (e portuguesa, ao modo de Pessoa) de um ser do qual nós não conhecemos senão a eternidade (ao modo de Murnau): João César, monstro urbano e poeta maldito”.

Um profundo mergulho de JCM na obra de FP verifica-se ao largo do “Marinheiro” (1915), através do *À Flor do Mar* (1986), considera Mário Torres (2005). O filme encena a misteriosa história de um terrorista galã que surge do mar e se instala numa mansão feminina sem ninguém o questionar, aflorando as existências cruzadas das suas personagens, tal como na obra de FP, o marinheiro sonhado por uma das donzelas veladoras se instala nas suas vidas imaginárias. Ambos os dramas ocorrem num tempo e num lugar indefinidos e, portanto, míticos: no Marinheiro sabe-se apenas que é de noite (“com um resto vago de luar”), sem noção das horas (“Ainda não deu hora nenhuma”), um ambiente onírico, propício à revelação das almas das donzelas; no *À flor do mar* a única referência temporal é fornecida pela notícia da rádio sobre um atentado de que é alvo um dirigente palestino, e é também à noite que os mistérios se revelam, que os corpos se transubstanciam. O cenário do Marinheiro é um quarto redondo de um castelo antigo, com quatro tochas, cuja única janela dá para dois montes longínquos e um pedaço de mar; sobre a mansão do filme sabe-se apenas que fica no Algarve, com quatro aberturas para o mar. Em suma, a visita de JCM à luminosidade de um sul geográfico e mítico, revela bem as reminiscências do drama extático de FP.

O mar é um tema fundamental na obra dos dois poetas. Em FP é simultaneamente um elemento obscuro, lugar de dissolução, onde o real se desfaz, é um fluir de amargura (como é evidente nos famosos versos do poema *Mar Português da Mensagem*: “Ó mar salgado, quanto do teu sal / São lágrimas de Portugal!”), e espelho do céu, reflexo do além, do desconhecido (igualmente refletido no mesmo poema: “Deus ao mar o perigo e o abismo deu, / Mas nele é que espelhou o céu”); o mar encerra uma busca de Absoluto, o grande cais interior, eterno e divino, simboliza a ideia da travessia (nascer-morrer), um ponto de passagem para o estado anterior (na “Ode Marítima”, 1916, do heterónimo Álvaro de Campos, pode ler-se:

Ah, o orvalho sobre a minha excitação!
O frescor noturno no meu oceano interior!

Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar
Cheia de enorme mistério humaníssimo das ondas noturnas
A lua sobe no horizonte
E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim

Em JCM, como refere João Bénard da Costa (2005), o mar é ao mesmo tempo poesia, alegria e destino final: no *Sophia de Melo Breyner Andersen* é brincadeira e evasão vacancial nas típicas praias algarvias em que o mar escava singulares grutas, e é poesia da protagonista alusiva ao mar — *A menina do Mar* e a célebre *Inscrição* “Quando eu morrer voltarei para te buscar / os instantes que não vivi junto ao mar”; no *Quem espera por sapatos de defunto morre descalço* (1970) é significativo o plano da rebentação das ondas na Caparica, e a voz off de Lívio “fecho os olhos e estou no meio do mar”, “o mar é uma alegria”. O mar monteiriano reenvia pois à origem, à mãe, as ondas do mar aos ondulados cabelos da mulher, mas também ao destino final: a água turva do rio que evoca o suicídio em *O último Mergulho* (1992). Por outro lado, a superfície da água é um limite que reflete e oculta como um espelho: metáfora da passagem para outro lado, da ressurreição, no *Veredas* (1977), um apelo aos subterrâneos no *À Flor do Mar*. A ambivalência do símbolo aquático (ou melhor, a integração do contrários vida e morte) é bem evidente no *Le bassin de J. W.* (1997), no qual duas personagens, num cais do Tejo, partilham um desejo comum: pôr fim aos seus dias, declamando parte do poema de Álvaro de Campos (1926) “Se te queres matar, porque não te queres matar?” Tendo partido de um sonho de Serge Daney (no qual John Wayne mexia maravilhosamente a bacia no Pólo Norte), este filme constitui um retrato arrasador de Portugal, como a fala “sou português, fui enganado” bem ilustra; as últimas imagens, depois da fuga para o Pólo Norte, mostram os desfiles nazis depois da tomada de Paris. Portugal, território ocupado, derradeira afirmação antes do exílio.

A par da presença da temática e da poética pessoas em vários filmes de JCM, a “persona” monteiriana condensa os principais heterónimos de FP: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, e Álvaro de Campos.

Assim, tal como Alberto Caeiro, JCM é também um poeta do mundo rural: com efeito, nos filmes designados de “fase medieval”, é no interior do país que procura a essência da cultura portuguesa, no pressuposto de que o essencial coincide com o arcaico. No *Veredas* (1977), história que funde todas as épocas,

integrando personagens reais trasmontanas num fundo cultural lendário, há uma evocação erótica do retorno ao campo, ao artesanal. JCM em entrevista a António Pedro Vasconcelos (2005) define-o como um filme de amor e de salvação, apelando à necessidade de renascermos. O *Silvestre* (1981), encenação de duas novelas medievais, é um espelho da alma da cultura popular: maliciosa e ingénua, simplista e alegórica. Em entrevista a Adelino Tavares da Silva (2005, 332), JCM define-o como um filme onde se opõem as componentes reais da nossa vida: “o mundo cristão, que vive connosco; o mundo árabe, que corre no sul do nosso corpo; e o mundo judaizante, que é um rio secreto dentro de nós”.

À semelhança de Ricardo Reis, JCM é epicurista: como assinala Sidónio Paes (2005), JCM praticava por princípio o princípio do prazer, numa sociedade repressiva (nos costumes) e liberal (nos comércios), em crescendo até ao regabofe verbal no *Vai e vem* (2003); o eros do seu cinema é faustiano e donjuanesco, pela incessante atração do eterno feminino.

Como Álvaro de Campos, JCM é parmenidiano. José Gil (1987) dizia que Campos é o poeta do quotidiano metafísico, um quotidiano banal, sensível, do qual surge toda a especulação filosófica, como a “Ode Marítima” (1916) bem o ilustra. Também JCM, considera Jean Narboni (2004), é um parmenidiano de sempre, ao ponto de fazer proliferar e delirar a lista das coisas baixas para as elevar à categoria da ideia; o trivial, o obsceno e o registo baixo coexistem, de forma mais complexa que a simples oposição binária, com uma carga espiritual, ironizando-a mas sem a destruir.

Mesmo as várias fases de Álvaro de Campos são refletidas na “persona” monteiriana. Assim, JCM é decadentista na sua dimensão romântica (Eugéne 2009) e na atitude escandalosa de transgressão da moral estabelecida (García Manso 2010). É sensacionista na linguagem cinematográfica e na interpretação de João de Deus: o olho de JCM é táctil e eréctil, o “olho no corpo” de JCM é uma sexualidade transcendental do ver (Roberti 2005); a atitude corporal de João de Deus percorre diversos estados alterados do organismo, como o hipocondríaco e o vampírico, e vivencia diversos ritmos, através da dança, da corrida, da vadiagem (Viegas 2008), dando-nos uma imagem direta do tempo. É pessimista, nomeadamente sobre Portugal: no filme *Quem espera por sapatos de defunto morre descalço*, o desabafo “Este país é um poço onde se cai, um cú de

onde se não sai" ilustra bem o seu desencanto com a pátria. Tal pessimismo estende-se à sociedade ocidental; a propósito do filme *A Comédia de Deus* (1995), afirma em entrevista a Pierre Hodgson (2005, 428): "Não acredito na Europa. [...] Não acredito na moeda única. Como toda a gente, estou muito preocupado com a hegemonia da Alemanha. Não quero ser alemão. [...] É preciso fundar uma nova sociedade".

Referências bibliográficas

Bénard da Costa, João. 2005. "Os filmes da água". In *João César Monteiro*, organizado por João Nicolau, 335-346. Lisboa: Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.

Cunha, Paulo. 2010. "Decadência, Regeneração e Utopia em João César Monteiro". *P: Portuguese Cultural Studies* 3: 43-60.

Daney, Serge. 1992. "Journal de l'an passé". *Trafic* 3, agosto: 5-25.

García Manso, Angélica. 2010. *João César Monteiro. El cine frente al espejo*. Cáceres: Universidade de Extremadura y Filmoteca de Extremadura.

Gil, José. 1987. *Fernando Pessoa ou a metafísica das sensações*. Lisboa: Relógio D'Água.

Gili, Jean. 2005. "Um cineasta na cidade". In Nicolau, João (org). *João César Monteiro*. Lisboa: Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema, 410-416.

Hodgson, Pierre. 2005. "Entrevista com um vampiro". In *João César Monteiro*, organizado por João Nicolau, 419-429. Lisboa: Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.

Narboni, Jean. 2004. "Les exercices spirituels, et autres, de João César Monteiro". In *Pour João César Monteiro, «Contre tous les feux, le feu, mon feu»*, dirigido por Fabrice Revault D'Allones, 271-282. Paris: Yellow Now.

Paes, Sidónio. 2005. "Recordações de João (de Deus) César Monteiro". In *João César Monteiro*, organizado por João Nicolau, 29-48. Lisboa: Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.

Roberti, Bruno. 2005. "Monteiro: o olho no corpo". In *João César Monteiro*, organizado por João Nicolau, 589-591. Lisboa: Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema.

Tavares da Silva, Adelino. 2005. "O Silvestre é um filme sobre a aprendizagem...". In *João César Monteiro*, organizado por João Nicolau, 325-333. Lisboa: Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema. Entrevista originalmente publicada no jornal *O Diário*, 6 de junho de 1982.

Torres, Mário. 2005. "O picaresco e as hipóteses de heteronímia no cinema de João César Monteiro". In *Actas do III Sopcom, VI Lusocom e II Ibérico*, vol. I, 221-226.

Vasconcelos, António Pedro. 2005. "João César Monteiro sobre *Veredas*". In *João César Monteiro*, organizado por João Nicolau, 310-318. Lisboa: Cinemateca Portuguesa - Museu do Cinema. Entrevista originalmente publicada no jornal *Expresso*, 27 de maio de 1978.

Viegas, Susana. 2008. "Singularidades do cinema em João César Monteiro". Conferencia apresentada em *O Cinema Através da Crítica: Cinema, Teoria, Literatura e Crítica de Cinema na Península Ibérica*. CEIS20, Universidade de Coimbra, 20-21 Nov.

